

Entrevista

A PSICOLOGIA NA “JANGADA DA MEDUSA”: ENTREVISTA COM THOMAS TEO

PSICOLOGÍA EN LA “BALSA DE LA MEDUSA”: ENTREVISTA CON THOMAS TEO

PSYCHOLOGY ON “THE RAFT OF THE MEDUSA”: INTERVIEW WITH THOMAS TEO

<http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p460>

Por **Gisele Toassa**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil

Thomas Teo

York University, Toronto, Canadá

Apresentação



Nascido em Londres, 1963, e criado em Schwarzach, Áustria, Thomas Teo é Professor do Programa de História e Teoria da Psicologia na York University, em Toronto (Canadá), na qual trabalha desde 1996. Atualmente, edita o *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, publicado pela American Psychological Association (APA). Recebeu diversos prêmios, entre os quais destacamos o *Award for Distinguished Service to the Division 24 of the American Psychological Association: Society for Theoretical and Philosophical Psychology* (2010) e o *Goldene Hammer zur Überwindung von Gewalt*

und Rassismus (Martelo de Ouro para Derrota da Violência e Racismo, 1998).

Ele é membro da Canadian Psychological Association e do comitê executivo nas divisões histórica e teórica de diversas organizações acadêmicas. Presidente da International Society for Theoretical Psychology (ISTP) desde 2011, Teo editou a *Encyclopedia of Critical Psychology* (ECP, lançada em 2014), cuja proposta é sistematizar contribuições de psicólogos críticos de todo o mundo, sendo oferecida às bibliotecas acadêmicas e públicas como livro, bem como produto digital disponível através de livrarias e serviços eletrônicos. A ECP pretende ser um recurso abrangente para psicólogos e cientistas humanos e sociais, observando uma ampla definição de psicologia crítica ao se referir a abordagens multifacetadas na teoria e na prática na contramão do *mainstream* em muitos países mundo afora. Outra publicação recente é o manual *A critical history and philosophy of psychology: Diversity of context, thought, and practice* (ver Walsh, Teo, & Baydala, 2014).

Gravamos a entrevista a 22 de outubro de 2014, no escritório de Thomas na York University – ainda a salvo do rigoroso clima canadense, que já ameaçava, no ambiente externo, temperaturas próximas dos cinco graus Celsius, pondo melancolia nos semblantes e mais roupa nos corpos.

Procurando evitar coloquialismos, a tradução ao português foi interpretativa, não-literal. No processo de adequação às normas da *Psicologia & Sociedade*, das quase duas horas de entrevista, cerca de cinco páginas transcritas foram descartadas, ficando de fora da versão que ora apresentamos.

Entrevistadora: Thomas, como você teve a ideia de organizar a ECP?

Thomas: Há um livro em alemão focado em categorias psicológicas, e os autores e editores daquela época eram psicólogos críticos. Eu pensei que poderíamos fazer isso para um contexto anglófono. E basicamente é de onde vem a ideia da ECP¹.

Entrevistadora: Como você escolheu os verbetes e com quem trabalhou?

Thomas: Uma das considerações principais para a Enciclopédia foi, de fato, focar em conceitos. Você deve ter notado que não há verbetes específicos para indivíduos. Algumas pessoas criticaram isso. Mas minha decisão foi ter uma Enciclopédia baseada em conceitos voltando à ideia da tradição alemã, de que os conceitos são muito importantes para entender a realidade. Essa foi a primeira decisão: fazê-la uma Enciclopédia conceitual; tratar do que é dito na psicologia tradicional sobre um conceito e o que se diz na psicologia crítica – o que oferece como ideias alternativas sobre o mesmo conceito. Ou, algumas vezes, se a psicologia crítica desenvolveu outros conceitos, incluí-los também. Outro elemento é que queríamos ter debates internacionais sobre um conceito. Então foi importante para mim ver o que pessoas de outras psicologias, cientistas sociais de outros países tinham a dizer sobre certo conceito, e não restringir só ao contexto norte-americano. Esse foi um objetivo, mas o outro foi, é claro, estar no processo de globalização; globalização em um sentido positivo, que a psicologia [norte-americana] tem que aprender de outros países. Foi difícil para algumas pessoas focarem em debates internacionais. Porque você tem que ir para os outros países e continentes ver o que as pessoas têm a dizer sobre o conceito. Outro objetivo foi focar as implicações práticas do conceito. Essa foi a abordagem conceitual. E a mais técnica é como você escolhe verbetes. Nós fizemos isso indo a livros, outras enciclopédias, na psicologia hegemônica, livros em psicologia crítica, e tínhamos um conjunto desses livros e procuramos em indexadores quais verbetes teriam que ser incluídos e excluídos. Penso que a limitação prática vem de que não tivéssemos gente o suficiente. Tínhamos perto de 1.000 conceitos, mas na Enciclopédia há apenas cerca de 500. Não pudemos realizar o projeto como pretendido originalmente; poderíamos ter feito oito volumes ao invés de quatro, dobrando a quantidade de verbetes, mas tivemos que abandonar alguns importantes, como desconstrução, pois ninguém queria assinar aqueles verbetes. Uma estratégia foi enviar para as pessoas especificamente solicitadas; outra, para listas de e-mail tentando encontrar colaboradores.

Entrevistadora: Qual o significado de ser um psicólogo crítico hoje?

Thomas: Questão difícil, porque não podemos dar uma definição trans-histórica e transgeográfica. Depende do contexto e do tempo em que você vive. Um psicólogo crítico dos anos 1960 é diferente de um contemporâneo. E um psicólogo crítico em um país rico como a Dinamarca é diferente de outro, na Colômbia ou África do Sul. Penso que uma psicologia crítica envolve o entendimento de que a subjetividade individual é conectada a um contexto mais amplo, como sociedade, história ou política. Então, não podemos separar a subjetividade individual desses contextos maiores. Essa é uma característica central da psicologia crítica, como é a noção de que o conhecimento crítico tem algum tipo de relevância emancipatória. E isso é muito mais difícil de definir. Há relevância emancipatória somente se o conhecimento puder ser aplicado imediatamente, ou a construção de conceitos e teorias, a longo prazo, também pode mostrar-se um tipo de conhecimento emancipatório, porque lida exatamente com o que dissemos anteriormente sobre a Enciclopédia: prover abordagens alternativas sobre categorias psicológicas. Porque a Psicologia tem sido poderosa em conduzir as pessoas a se entenderem em termos de categorias psicológicas. E a sociedade em geral compreende-se mais e mais, especialmente no Ocidente, através de categorias psicológicas. Por exemplo, o Presidente Obama usa o termo “déficit de empatia”. Essa é uma categoria psicológica. Então não se trata, acima de tudo, de que os problemas da sociedade americana fundamentem-se na desigualdade – categoria sociológica, estrutural –, mas é um déficit de empatia, que é psicológica. Nesse sentido, a psicologização está no uso de categorias psicológicas para entender fenômenos sociais e estruturais complexos. E parte da tarefa de um psicólogo crítico então é de entender também o processo de psicologização e determinar em que ponto podemos utilizar, quando faz sentido usar categorias psicológicas, e em que ponto não faz. A Enciclopédia nos traz de volta à noção de conceitos, de tentar desconstruir certos conceitos, perspectivas alternativas naqueles conceitos que são, normalmente, usados no pensamento psicológico. Outro elemento da psicologia crítica são, provavelmente, as conexões de teoria e prática. E, complementando, de que uma ciência ou disciplina como a psicologia não é neutra em seus valores, embora muitas pessoas - mesmo “não-críticas” - concordem que a psicologia não é uma disciplina neutra. Há muitos e muitos exemplos na história da psicologia que, de fato, o demonstram.

Entrevistadora: Como um editor experiente, como você vê tendências atuais na História e Teoria da Psicologia?

Thomas: Antes de tudo, temos que distinguir os campos. Vê-se que essas duas disciplinas desenvolveram-se em direções distintas. A história da psicologia, para mim, algumas vezes parece positivista. Você escolhe problemas muito pequenos, muito detalhados, em períodos de tempo bastante curtos, e você olha a evidência empírica que existe para certo argumento dentro desse período de tempo, nesse projeto, e é tudo. Você não pensa sobre o significado histórico mais amplo dessa pesquisa e não pergunta mais sobre sua própria subjetividade, sobre como os sujeitos contribuem ativamente para o conhecimento histórico. Penso que isso seria também a crítica de Habermas ao positivismo, de que ele tira o sujeito da equação. Negligencia subjetividade e define a ciência pelo que os cientistas fazem. Então a história é definida pelo que fazem os historiadores, e não adiante, pela reflexão necessária sobre o significado desse período histórico. Nesse sentido, o significado histórico ou psicologia histórica torna-se irreflexiva sobre o que eles fazem e por que o fazem, sobre como sua própria subjetividade contribui para assuntos escolhidos, métodos utilizados e interpretações feitas. Então a psicologia histórica está se tornando objetivista. E em meu próprio juízo crítico, penso que há uma certa tendência da psicologia histórica que chega a isso, tendência a se tornar positivista por negligenciar todas as questões mais amplas e importantes que cercam certo projeto.

A psicologia teórica move-se em uma direção ligeiramente diferente, a da fragmentação. Você tem psicólogos teóricos que, hoje em dia, focam neurociência e, basicamente, não se comunicam mais com psicólogos mais orientados pela crítica. Então, ela talvez seja mais como a filosofia, onde você tem diferentes abordagens e visões de mundo, programas de pesquisa que não necessariamente conversam entre si. Mas não vejo a fragmentação como necessariamente negativa, pois penso que isso é parte da realidade, da complexidade da psicologia.

Entrevistadora: E você pensa que essa tendência à fragmentação cresceu nas últimas décadas?

Thomas: Sim. Penso que, se falarmos sobre pluralismo ou fragmentação ou mesmo a crise da psicologia – e, doutro lado, em unificação –, é preciso começar com as afirmações corretas. Que a psicologia é basicamente uma prática social. Então não é só uma forma abstrata de tecnologia que é acumulada em livros, em artigos de periódicos, é

uma prática social de pessoas fazendo psicologia. E, começando com esse tipo de análise, você percebe que a unificação não é possível, que o pluralismo é inerente à psicologia, especialmente se você falar em globalização da psicologia ou se tomar em conta as “psicologias autóctones” (*indigenous psychologies*) de diferentes países, isso é claro². E que você tem práticas culturalmente informadas diferentes do que a psicologia significa. Portanto, você tem uma disciplina inerentemente pluralista. Quanto mais pessoas participarem da atividade social, mais pluralismo você terá. A psicologia pode não prover explicações científicas naturais, ou explicações em um sentido dedutivo-nomológico, mas interpretações dependentes de uma teoria. O que significa que as pessoas se referem a interpretações dentro de um programa de pesquisa. E é claro, há programas maiores de pesquisa, talvez psicanálise, ou behaviorismo, ou psicologia cognitiva, ou neurociência. Mas também teorias menores, como, a Psicologia do Desenvolvimento, Teoria do Apego, ou Teoria dos Temperamentos, e assim por diante. Então as pessoas proveem interpretações para as quais podemos ter evidência empírica ou não, para um fenômeno que pode fazer sentido dentro de um certo quadro teórico; penso que isso é outro problema, pois não temos amplas leis universais em psicologia, o que é uma demanda para uma explicação científico-natural. Até mesmo se nós ainda buscarmos isso, ainda assim usaríamos quadros teóricos para interpretar os fenômenos.

Entrevistadora: Você disse que a História da Psicologia está mergulhada em positivismo. Diria o mesmo da Europa e América do Norte?

Thomas: Sim, mas, para falarmos de Europa, teríamos que ir para países específicos. Dando o exemplo da Alemanha, eu diria que positivismo não era tão prevalente até a década de 1960 em psicologia e há uma história bem mais complicada, devido ao fascismo alemão e outros problemas. Historiadores dessa psicologia defendem a americanização da psicologia alemã, do que aconteceu na década de 1960 na Alemanha, na Alemanha Ocidental, da americanização da psicologia alemã, que, uma vez ocorrida, trouxe basicamente o advento do positivismo. A Alemanha Oriental teve uma história ligeiramente diferente, foi mais influenciada pela Psicologia Soviética, e a questão é em que sentido a psicologia soviética é, realmente, uma disciplina positivista. Mas creio que seja um tópico para outro debate. Na Psicologia da Alemanha Ocidental, quando começou, o positivismo foi menos prevalente do que na Psicologia norte-americana, eu penso. Então não houve mais o recurso a disciplinas ... como a Psicanálise ou a Fenomenologia. As pessoas usualmente o faziam fora da psicologia.

Entrevistadora: Você faria diferenças entre o pensamento crítico na Europa e América do Norte ou acha que isso é muito abrangente e você preferiria não comparar?

Thomas: Teríamos que voltar novamente para países individuais. Em um contexto germanófilo, Marxismo, Neomarxismo e Escola de Frankfurt tiveram uma influência significativa no pensamento crítico em psicologia. Na América do Norte, talvez o pensamento pós-moderno tenha tido uma influência mais ampla, ou mesmo a tradição francesa, próxima de Foucault. Então você encontra diferenças geográficas baseadas em a qual tipo de teoria crítica as pessoas aderem. Penso que no pensamento crítico norte-americano o feminismo teve um papel mais amplo, bem como a teoria antirracista, por conta das experiências concretas do racismo e da racialização acadêmica [de minorias raciais]. Também os estudos críticos sobre deficiências (*critical disability studies*) tiveram um impacto maior na psicologia do que em um contexto germanófilo. Países germanófilos tiveram muito mais teorias críticas que influenciaram a psicologia. Um pouco de feminismo, decerto, mas não o pensamento antirracista, na época em que eu estava na Áustria e Alemanha. Você encontra diferenças na assimilação e acomodação de certa teoria em certo momento. Agora está ficando mais complexo, especialmente nas gerações mais novas, pois a Alemanha ouve mais sobre ideias críticas, não apenas teoria crítica.

Entrevistadora: Mas você escreveu sobre racismo na psicologia europeia...

Thomas: Sim, mas foi mais para um público em geral, interessado no tópico da raça. Não sei se os psicólogos críticos estão particularmente interessados nisso.

Entrevistadora: Nem mesmo depois do nazismo e fascismo?

Thomas: Essa é uma questão muito interessante. Como o debate sobre o antissemitismo ou racismo foi incorporado nas teorias críticas? O antissemitismo e o racismo são objetos de pesquisa, mas não enfocando o modo como etnicidade ou cultura contribuem para formas de privilégio que retroalimentam posições epistemológicas e éticas. Então, é uma questão diferente. Como o racismo pode ser um objeto de pesquisa *versus* questões como “de que maneira pertencemos aos brancos privilegiados, em que sentido me benefico disso, de que modo pessoas de uma diferente etnicidade ou raça estão em desvantagem, epistemologicamente, nas estruturas existentes na academia”. Então, esse é um tipo de questão epistemológica, um tipo de questão diferente, que não era realmente entendida

na Psicologia Crítica Alemã. Então penso que você está certa, eles focaram no racismo como um objeto, mas não em um sentido epistemológico, uma vez que a própria teoria crítica é tendenciosa devido a certos privilégios em que se encontra. Como a própria teoria situa-se e é expandida a partir dos encontros antirracistas, tradições antirracistas e estudos GLBTT ou estudos sobre deficiências. Acho que houve menos debate nesses tópicos.

Entrevistadora: Pode-se dizer que as pessoas não aprenderam da crítica ao racismo... que essa crítica não alimentou novas teorias e conceitos. As pessoas criticaram o racismo, mas mantendo as mesmas teorias anteriores à Segunda Guerra? Ou foram inspiradas pelas norte-americanas?

Thomas: Penso que é diferente dizer que o racismo é um objeto de pesquisa ou se é um tópico que muda minha teoria crítica. São duas coisas ligeiramente diferentes. Há mais relutância em dizer que precisamos incorporar a teoria crítica da raça na teoria crítica da psicologia.

Eu escrevi um artigo sobre o caráter autóctone (*indigenous character*) da Psicologia Crítica Alemã. Com o argumento de que tal psicologia é fortemente embasada em tradições alemãs. O que não é necessariamente uma coisa ruim, mas também impõe limites sobre o que essa teoria pode fazer. E penso que psicólogos críticos alemães radicais não entenderam o argumento. Penso que pessoas de fora entenderam melhor; concordaram sobre esse caráter autóctone de sobre o que é a Psicologia Crítica Alemã. Para relativizar sua própria perspectiva, seu próprio problema com a noção de que o que vai no interior da própria teoria crítica é mergulhado em uma cultura, é algo diferente de dizer que cultura, raça ou gênero são importantes. Tem a ver com as maneiras pelas quais você muda sua teoria crítica ao tomar em conta essas teorias em sua própria teoria crítica.

Entrevistadora: Algo que pode ser interessante para pesquisadores brasileiros é saber que Paulo Freire tem uma influência muito grande na Pesquisa-ação participativa (na América do Norte). Se você quiser falar um pouco dessa relação...

Thomas: Sim, para continuar o debate anterior, pode-se dizer que Paulo não foi incorporado à Psicologia Crítica Alemã. Mas tem sido à psicologia crítica norte-americana. Então falamos sobre o projeto Ciência Pública, ou a Psicologia Crítica no *Graduate Center*. Eles não se constroem ao mencionar que Paulo Freire é uma das inspirações deles para Psicologia Crítica. Há também outros que trazem Paulo no contexto latino-americano da Psicologia

da Libertação de Martín-Baró; papel, usualmente, reconhecido e apreciado. Este é o meu ponto, quando digo que a Psicologia Crítica Alemã é autóctone - o que Paulo Freire diz, em certo sentido, é muito similar ao que se diz nela: sobre fazer a psicologia crítica “com” pessoas, não “sobre” pessoas. Isso é uma ideia de Holzkamp; mas também de Paulo Freire e de Martín-Baró. Você tem tradições na América Latina onde a psicologia europeia poderia embasar-se mais – a norte-americana já o faz, aprendendo mais a partir dessas experiências na América Latina. É a minha ideia: é importante trazer à Psicologia Crítica Europeia, à Psicologia Crítica Alemã práticas, *insights* de outros países e continentes. Paulo Freire é um exemplo fácil, no sentido de que ele é, de fato, muito próximo ao que a Psicologia Crítica Alemã propôs.

Entrevistadora: Fale um pouco de suas principais realizações no campo da História e Teoria, ou apenas de uma ou outra...

Thomas: [Risos] É difícil falar de “realizações”, mas espero ter trazido para a psicologia teórica e histórica um tipo de reflexividade que, de certo modo, falta na psicologia histórica, por exemplo. Meu trabalho sobre raça e racismo tentou exatamente desenvolver os pontos nos quais uma reflexividade crítica é importante. A questão é não como resolvemos os problemas das pessoas, mas como transformamos pessoas em problemas. E isso é uma tradição em psicologia que, infelizmente, ficou no seu passado. Como transformar as pessoas em problemas, e não problemas identificados em uma sociedade específica. E penso que raça é um bom exemplo; além disso, meu trabalho sobre violência epistemológica mostra que uma frágil interpretação de dados pode representar uma forma de violência contra as pessoas, que é construída por meio daqueles problemas.

Eu também comparei estudos sobre raça e racismo ao que na cultura *pop* é comparado aos “mortos-vivos”, os zumbis, os *Walking-Dead*, porque eles sempre retornam. Mesmo se desconstruirmos raça e racismo em psicologia, eles sempre parecem voltar. Há certa frustração no trabalho nessa área. Porque algo que já parecia morto volta e te contra-ataca – você tem que recomeçar. Então, esse é um tópico fascinante – tratar de raça e racismo consiste em fazer uma ciência dos mortos-vivos, algo que constantemente retorna [gesticula, indicando ida e volta]. Você desconstrói e ele retorna com algumas novas características. Nesse sentido, há certa frustração ao trabalhar sobre raça e racismo.

Entrevistadora: Hoje em dia, pode-se dizer que voltou na neurociência, talvez...?

Thomas: Voltou na medicina, voltou na antropologia. Em medicina, há um uso extremamente irreflexivo do conceito de raça, que mistura raça, etnicidade, cultura, práticas culturais. É completamente obscuro qual é o significado do conceito. Em neurociência, não estou totalmente convencido se retornou, eu não estou a par disso. Eu não ficaria surpreso se voltasse. Eu sei que, agora, olha-se para diferentes cérebros, de diferentes etnicidades. É como lutar contra moinhos de vento. Ele cai, volta e revive.

Entrevistadora: Por que você acha que isso ocorre?

Thomas: Porque há uma história longa, que trouxe muitos benefícios para vários grupos de pessoas, e confirma noções preconcebidas que as pessoas têm sobre desigualdade e diferenças, e retroalimenta-se em todo um conjunto de mitos e noções preconcebidas de grupos de pessoas, os quais parecem se confirmar pela ciência. Mas é uma questão difícil, eu me pergunto por que retorna. Como pesquisador, você certamente pode fazer uma carreira nessa área, porque parece haver, de fato, muito dinheiro fazendo esse tipo de pesquisa [racista].

Talvez a esquerda tenha alguma responsabilidade por esse retorno, pois introduz o conceito de identidade racializada, como o “negro”, no discurso político, para reconhecer experiências de opressão. Mas não faz claramente a distinção de que essa é uma categoria politicamente construída. Que se reconhece não como uma categoria biológica. Quando se usa o termo “negro”, as pessoas podem usá-lo como uma categoria política, além de biológica. Isso para reconhecer as experiências de racismo vivenciadas pelas pessoas oprimidas historicamente, e racializadas no passado; não distinguimos claramente que essa é uma categoria política, não biológica. Algumas pessoas usam o termo e podem, muito rápido, eivá-lo de um sentido biológico. E essa é a dificuldade, apontar que usamos uma categoria de tipo humano (*human kind*), e não de tipo biológico-natural (*biological kind*). Se falamos em afroamericanos ou canadenses negros, não o dizemos em um sentido biológico, mas como algo que foi racializado no passado. E há experiências específicas decorrentes da racialização que devemos tomar em conta. Mas é muito rápido fazer a conexão, por assim dizer: algumas pessoas fazem um uso biológico do conceito. Mesmo quando falamos de branquitude, estudos sobre os brancos (*white studies*), acerca de quais privilégios pessoas brancas pensam que é uma categoria biológica, de fato, encobriram certos benefícios e privilégios em uma sociedade dominada pelos brancos. Isso não significa que lhe atribuamos

um sentido racial, biológico. Significa um tipo de categoria humana socialmente construída que usamos, mas não está claro para a audiência tratar-se de uma categoria de tipo humano. Esse é o problema também.

Entrevistadora: Mudando de assunto, eu já te ouvi dizer que a psicologia sofre de um Transtorno de Personalidade Borderline. É muito interessante! O que você quer dizer com isso?

Thomas: Há dois intentos visados por esse argumento. Um intento é desafiar categorias psiquiátricas, e mostrar quão rapidamente você pode aplicar uma disciplina como a psicologia às categorias psiquiátricas e confirmar algumas características. Eu trouxe aqui: o Distúrbio de Personalidade Borderline, do DSM V, afirma [lê e confirma as características]:

1. “Um padrão de instabilidade em relações interpessoais, autoimagem e afetos” (Então, instabilidade no que se refere à autoimagem. A psicologia é uma ciência natural, social; humanidade; que tipo de ciência é a psicologia?).

2. “Esforços por evitar abandono real ou imaginário” (Sim. A psicologia tem medo de ser abandonada por governos. Nos Estados Unidos, a psicologia quer ser reconhecida como uma ciência-tronco³, e evitar ser abandonada por governos e agências de fomento).

3. “Um padrão intenso e instável de relações interpessoais caracterizado por extremos de idealização e depreciação” (Isso ocorre quando falamos em Física ou Biologia. Então, a Física é idealizada - assim falamos sobre ser psicólogos: que não, não podemos ser físicos).

4. “Distúrbio de identidade”.

5. “Comportamento suicida” (Quando a psicologia abre mão da subjetividade e torna-se uma neurociência, você não tem mais psicologia... Isso é um comportamento suicida).

6. “Sentimentos de esvaziamento” (Bem, algumas pessoas pensam que a psicologia não provê conteúdo suficiente).

7. “Ideação paranoide” (Significando que, desde John Watson, nós podemos fazer qualquer coisa de alguém: posso te fazer um advogado, um mendigo; qualquer coisa que eu quiser de você. Posso identificar se você é ou não terrorista ao olhar para sua neuroimagem... Isso é como...).

Entrevistadora: Algo maníaco?

Thomas: Sim. A sobrevalorização de si. Então, se você quiser rir-se das categorias psiquiátricas,

algumas pessoas podem dizer: não, não é Distúrbio de Personalidade Borderline, é um Distúrbio de Personalidade Narcisista, pois provê um sentido de grandiosidade [lê as características desse Distúrbio]. Senso de autoimportância grandioso. Fantasias preocupadas com sucesso ilimitado. Senso especial de privilégio.

Você pode marcar sim para tudo isso, e foi, por assim dizer, um modo de desafiar categorias psiquiátricas.

Outro intento, eu penso, é que é preciso perceber que a psicologia não é apenas uma ciência natural. Mas, basicamente, uma ciência humana, social, e se desistirmos dessa tradição, perdemos o significado do que é ser um psicólogo. Eis o outro elemento neste debate: o Distúrbio de Personalidade Borderline nos dá o recado para entendermos que tratar a psicologia apenas como ciência natural não vai funcionar a longo prazo, pois se a psicologia lida com subjetividade, não pode ser apenas ciência natural. Outras disciplinas e tradições precisam ser levadas em conta, e creio que é importante perceber que não podemos apenas nos basear na tradição empírico-analítica da psicologia, mas levar em conta tradições culturais e críticas.

Entrevistadora: Quais são, digamos, seus três autores favoritos na psicologia?

Thomas: Klaus Holzkamp, um psicólogo crítico alemão.

Bem, é questionável se Michel Foucault é um psicólogo ou não... Tradicionalmente, é mais rotulado como filósofo, mas ele tem um impacto mais amplo na psicologia. É difícil escolher três: eu gosto de Martín-Baró, Hannah Arendt, mesmo Carol Gilligan ou Evelyn Fox Keller. Gosto de Frantz Fanon [risos]. Então, penso que é difícil nomear só três, mas... Gosto de Adorno e Horkheimer. De fato, gosto até de Immanuel Kant.

Entrevistadora: São muito interessantes suas reflexões sobre psicologia e estética. Você acha que podemos aprender dos artistas... Como poderia ser isso?

Thomas: Sim, Gadamer é outra pessoa que eu mencionaria. Ele argumenta que a arte revela uma forma de verdade que não pode ser captada pelas abordagens natural-científicas. Então, eu tomo isso seriamente, no sentido de pensar em que tipo de verdade pode ser captada. Há verdades não-conceituais que podem ser captadas pela arte. A tradição germânica sempre foca no pensamento conceitual como a forma importante de pensar sobre as coisas. Holzkamp publicou em 1973 um livro sobre percepção sensorial⁴. E ele faz a

distinção entre pensamento conceitual e perceptual. E o argumento é de que deveríamos visar ao pensamento perceptual, e não ao conceitual. Eu o entendo: ele quer dizer que as pessoas apenas vivem em práticas cotidianas e elas recebem algo do mundo externo. Veem, digamos, uma pessoa negra cometendo um crime e, portanto, extraem certas conclusões, sendo essa uma forma de percepção que não entende realmente de onde vêm as coisas e como elas se relacionam. Qual é a história do racismo e da desigualdade; qual é o legado da escravidão... Então elas não conceitualizam (*conceptualize*) essas coisas quando as veem. E isso é o que ele pensa; por que o pensamento conceitual é mais importante e deveria ser privilegiado com relação ao perceptual? Pensando dialeticamente, isso nos traz de volta a Gadamer. Quando você vê arte, tem uma experiência imediata de pensamento perceptual, que te revela uma verdade talvez impossível através do conceitual. Há uma certa experiência para a qual não temos nem mesmo conceitos. Eu uso o exemplo de Doris Salcedo: ela pôs uma rachadura (*crack*) em toda a extensão do piso de concreto do *Tate Museum*. Chamou essa fenda de “Shibboleth”. O nome vem da Bíblia e foi um meio de distinguir os *insiders* dos *outsiders*; quem era estrangeiro e quem não, pelo fato de não poder pronunciar certa letra. Então, o sotaque se torna uma forma de distinguir o *insider* do *outsider*. Eu tenho essa experiência porque tenho sotaque em meu inglês. Várias pessoas que imigram para países anglófonos se tornam *outsiders* por causa disso. Essa é uma maneira de distinguir *insiders* e *outsiders*. As pessoas olham-nos de forma diferente, a partir de nossa origem. Então, te fazerem esta pergunta – mesmo que sem má intenção – “de onde você vem?”, “qual a sua nacionalidade?”, tem como efeito produzir uma diferença. Penso que essa rachadura no museu representa exatamente as experiências dos imigrantes, muito melhor do que um artigo acadêmico de 20 páginas, ou um livro nesse assunto. E provê uma experiência imediata, uma conexão imediata com relação àquela experiência artística.

Outro exemplo que uso é a pintura “A Jangada da Medusa” [*Le Radeau de La Méduse*, de Théodore Géricault]. Como explicar o capitalismo? Essa pintura no Louvre mostra os sobreviventes de um navio que afundou: similar ao Titanic, foi um grande evento do Século XIX; o navio afunda, os ricos pegam os botes, os pobres são postos em uma jangada⁵ e eles se devoram; praticam canibalismo nas mais terríveis circunstâncias. E talvez esse seja um meio muito fácil de explicar o capitalismo ou o fascismo. Você não poderia ter um bote desenhado para todos; você não poderia construir um bote ou navio em que todos poderiam ser salvos quando o bote afunda, mas sim de um modo pelo qual

os ricos pegam os botes e os pobres são abandonados com basicamente nada, com uma jangada. E lhe diz, por assim dizer, que isso é o capitalismo: não há o suficiente para todos. Mas há imagens segundo as quais pode havê-lo. Você tem formas de igualdade, de distribuição, de reconhecimento onde todos poderiam ser satisfeitos. E construímos o navio como metáfora para o mundo, onde nós deixamos de fora pessoas nas mais terríveis circunstâncias, nas quais elas se matam, se comem; onde não há nada sobrando, e elas vivem em horríveis circunstâncias que não seriam necessárias se nós agíssemos corretamente.

A questão é: se você pode ensinar melhor o “capitalismo” através da arte do que da leitura de “Das Kapital” [“O Capital”]. Sabe, se você ler o primeiro capítulo deste livro... [risos] É uma leitura muito difícil. Quando ele entra na parte da mercadoria, valor de troca, valor de uso; é muito hegeliano, muito difícil. Não estou certo de que você possa ensinar sobre capitalismo através de métodos conceituais ou falando sobre o “Titanic”. Algumas pessoas têm dito que o “Titanic” é um filme *kitsch*, ou o que seja [risos]. Mas você pode ensinar capitalismo pelo uso dessas representações do naufrágio do “Titanic” ou a “Medusa”, do século XIX, onde as representações estéticas são uma melhor maneira de ensinar o que o capitalismo e o fascismo significam: mais do que entrar em um longo ano de seminários sobre “Das Kapital”, da Crítica da Economia Política. E essa é uma questão realmente interessante: você precisa, de fato, de pensamento conceitual para entender o capitalismo, ou você pode usar outras formas de instruções e educação para ensinar às pessoas o significado de desigualdade, injustiça e capitalismo? Nisso a estética entra como uma ferramenta interessante; um tipo de verdade que pode ser alcançada muito mais rápido do que um texto conceitual. E talvez... a esquerda também esteja errada em focar apenas a consciência; o aumento dos conceitos e consciência, e não o significado da estética, da performatividade para mudar a realidade social.

Entrevistadora: Se posso entender, é o caso de mudar o *habitus* e tornar a psicologia um pouco menos logocêntrica?

Thomas: Sim. Menos focada na consciência e mais no corpo. Fenomenólogos falam sobre o corpo, mas não de um modo crítico; feministas, sim; então você tem conceitos como performatividade (por Judith Butler), ou *habitus* (por Bourdieu), ou privilégio como uma prática incorporada, basicamente. Se tomar um longo banho, essa é uma prática incorporada, mas também uma expressão de privilégio. Por assim dizer: acesso à água limpa. Mas, basicamente, não estou consciente desse privilégio. A questão é: deveríamos

sempre visar a consciência ou também o corpo? Criando formas de subversão, como falamos antes. Seria interessante ter um político vestido de mulher, e fazendo um discurso político em roupas femininas. Isso seria uma subversão performativa. Que desafia noções estabelecidas – talvez, de gênero. Por exemplo, todos os debates no Canadá sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo, sobre se isso levaria ao declínio da civilização e todos os tipos de coisas horrendas viriam a seguir. Entretanto, agora temos casamento entre pessoas do mesmo sexo há muito tempo, e o mundo não acabou, e não foi o fim da civilização. Então, o simples efeito dessas formas de casamento entre pessoas do mesmo sexo muda, até certo ponto, a atitude das pessoas sobre isso, sobre gênero, homossexualidade e heterossexualidade. Muda-se a percepção, os debates ideológicos sobre isso.

Entrevistadora: Então a mais radical das emancipações é a prática, a política? Você não está falando sobre emancipação da consciência?

Thomas: Ainda digo que consciência também é importante. Não deveríamos desistir dela, mas penso que tem havido muito foco na consciência. Por que não fazer ambas as coisas? Focar consciência e práticas incorporadas? Os hábitos. Nós conduzimos nossa vida cotidiana... E sim, nós temos certo *habitus*, mas também hábitos. Quebrá-los é difícil, mas também importante para práticas subversivas ou radicalmente emancipadoras, ou ainda práticas de resistência.

Entrevistadora: Há empregos disponíveis para trabalhar com psicologia crítica aqui? E associações de Psicologia Crítica?

Thomas: Há sempre a questão: “deveríamos usar o termo Crítico? Psicologia Social Crítica?” Psicólogos britânicos se importam menos com isso do que os norte-americanos. Penso que as pessoas preferem se identificar com um campo mais estreito. Por exemplo, há muitos psicólogos críticos na Psicologia Comunitária que se identificam como Psicólogos Comunitários. O mesmo ocorre com Psicólogos Sociais e Comunitários. Algumas pessoas evitam o termo “crítico” pelas conotações que ele tem, mas ainda assim fazem trabalho crítico.

Entrevistadora: Muita gente também procura se apresentar como psicólogo marxista. É possível sempre ver Marx em seu trabalho, entretanto, nunca te vi defendendo uma “Psicologia Marxista”. Por quê?

Thomas: Penso que eu seja similar a Foucault, que dizia usar Marx sempre, mas sem fazer referência a Marx, pois, nesse caso, se espera que você mostre deferência para com Marx, e ele não gostava desse

tipo de rituais esperados em certas tradições marxistas – com a contínua referência a Marx (embora não esteja muito claro o que Foucault queria dizer). Eu conheço alguns psicólogos da Alemanha Oriental que escreveram seus livros [de modo ritualístico]. Outro problema é que você não pode usar Marx na literatura psicológica norte-americana.

Entrevistadora: Você diria que o Macarthismo ainda está vivo?

Thomas: Não, eu diria que é mais uma obediência tácita. Uma vez, fui criticado por ter citado Lênin em um artigo. O simples fato de citá-lo foi criticado, não o conteúdo da citação. Alguns me criticam por ensinar Marx em meus seminários – embora isso nunca ultrapasse uma aula, na qual trato de ideologia, *camera obscura*, percepções da realidade que poderíamos ter. Que é puramente acadêmica, epistemológica, não revolucionária. Mas também fui criticado. Então, há um criticismo generalizado a Marx na psicologia hegemônica sem que se explique qual o problema com isso.

Entrevistadora: E pode haver problema em construir uma carreira por causa disso?

Thomas: Depende. Em Departamentos de Ciência Política, Sociologia, provavelmente não. Não sei dizer ao certo. Mas a Psicologia é estranha a esse tipo de ideias. Entretanto, concordo também com Derrida, que geralmente não é considerado um marxista, embora seja de algum modo tributário das ideias de Marx. Para Derrida, nós passamos por alguns traumas. Marx nos apresentou a um trauma sociológico. Pensamos ser nós mesmos, mas o que somos está mergulhado nessa sociedade, cultura e história. Nesse sentido, diz Derrida, somos todos marxistas.

Marx trata da natureza sociológica dos seres humanos. Holzkamp também; eu também, sobre como a existência individual é mediada pela sociedade, cultura e história. Usando a linguagem marxista ou vigotskiana, podemos nos apropriar das ferramentas e práticas de uma certa cultura, empregá-las e desenvolvê-las posteriormente. Nesse sentido, há uma dimensão ontológica para Marx, mas, certamente, também epistemológica. Pois sempre temos que ser cuidadosos com a promoção de perspectivas distorcidas da realidade, as quais se originam de diferenças de classe – tal como nos ensinam a teoria legal e econômica. Há, por certo, distorções em teorias que promovem os interesses dos poderosos – não observando os da população em geral. Em qual sentido nossa perspectiva de classe está presente no conhecimento que produzimos? Ou mesmo gênero, cultura, sexualidade? Então precisamos perceber como

envolver um processo de reflexividade na forma como produzimos e disseminamos conhecimento. E é outro legado epistemológico de Marx. Temos que pensar na distorção produzida por nosso trabalho. E de que maneira as distorções do conhecimento são mediadas pelo nosso próprio caráter social, nossos privilégios e assim por diante.

Entrevistadora: Mudando de assunto: tendo sido criado na Áustria, como você vê a psicanálise?

Thomas: A psicanálise permanece, na América do Norte e contexto ocidental, como única teoria psicológica que foca a subjetividade. Está interessada em uma perspectiva de primeira pessoa no contexto da vida cotidiana. Há outras abordagens em psicologia interessadas em como contatar a vida cotidiana, mas penso que esse é o principal legado da psicanálise e a razão pela qual permanece. A fenomenologia está interessada em uma perspectiva de primeira pessoa também, mas é mais acadêmica, em menor contato com a vida cotidiana. Isso em um contexto terapêutico, mas também fora dele. Entretanto, uma desvantagem é de que eu, pessoalmente, não me relaciono aos conceitos que a psicanálise desenvolveu. Consigo ver sentido no conceito de mecanismos de defesa, mas não na psicanálise de modo mais abrangente. Isso tem a ver com minha própria experiência de vida. Tentei, tentei e tentei, mas isso não ocorreu. Conceitos como Eu, Supereu, teoria dos instintos, interpretação de sonhos... Nesta última creio que há ingenuidade acerca do que o inconsciente está fazendo; em como as coisas estão se fundindo. Eis porque nunca a incorporei. Minhas origens são de classe trabalhadora, de raça mestiça e família divorciada em um vilarejo austríaco. Meu pai foi chinês, era muito difícil naquela cidade com apenas 4.000 habitantes, Schwarzach. Entretanto, a socialdemocracia na Áustria é muito forte, e não tínhamos que pagar por educação, universidade; você tinha acesso gratuito a livros e transporte. Nesse curto período dos anos 1960 aos 1980, o capitalismo abriu o cinto para apertá-lo depois. Um curto período de oportunidades, embora o país não fosse socialista, toda a educação e moradia eram subsidiadas, a saúde era pública. Agora, nas universidades, se cobra mais. Não havia exames de admissão; a atmosfera era bastante liberal para aquele tempo. A teoria psicanalítica não fez sentido para minhas experiências, que tinham a ver com sofrer pelo racismo em um país monocultural. Então, não consegui me relacionar com aqueles conceitos como fase anal, oral etc. Eis porque nunca incorporei a psicanálise.

Entrevistadora: Quais são os maiores desafios para uma Psicologia Crítica Internacional?

Thomas: Penso que um problema tem a ver com a fragmentação. Por exemplo, se você usa Lacan como orientação principal. Penso ser virtualmente impossível para um lacaniano, tratando de assuntos de psicologia, traduzi-lo em um discurso compreensível a um não-lacaniano. Essa é a minha experiência. Tive um estudante interessado em Lacan a quem eu pedi que procurasse escrever sobre ele de modo introdutório. Mas ele não foi capaz de fazer isso. O estudante médio de psicologia não compreende Lacan. Você precisa retornar ao mesmo tipo de linguagem usada por Lacan para explicá-lo, o que o torna incompreensível para um *outsider*. Esse é um problema para a Psicologia Crítica Internacional: escrever de um modo que seja acessível aos seus pares. Mas a linguagem, de modo mais abrangente, é um grande problema. Que tipo de linguagem aceitamos? Na ISTP (*International Society for Theoretical Psychology*) usamos o inglês, que se difundiu a partir do projeto imperialista do Reino Unido e Estados Unidos, forçando as pessoas a falarem inglês. Há quem, na sociedade, o recuse como idioma. Mas o fato é que, de fato, o inglês é a linguagem mais difundida. Em um contexto internacional, com pessoas de 10 países diferentes, o mais provável é que elas possam se comunicar em inglês. Entretanto, isso também significa privilegiar gente para quem o inglês é a primeira língua. Eis o dilema dialético do inglês, que, de certa forma, reforça essa história de colonialismo. Mas não sei como sair dessa situação. Na ISTP do Chile, algumas pessoas apresentaram em espanhol, mas isso excluiu uma grande quantidade de participantes. As pessoas acabaram falando apenas aos colegas e estudantes latino-americanos, mas não para uma comunidade mais ampla.

Entrevistadora: Não é possível usar tradução simultânea?

Thomas: Sim, mas para algumas organizações é caro demais. Para uma pequena associação é difícil fazê-lo. Os custos são altos. Você pode organizar por si mesmo um evento com até 100 pessoas, mas quando tem 2.050 terá dificuldade. Você precisa de suporte, e em uma universidade neoliberal faz-se dinheiro por meio das conferências. Também precisa lidar com cartões de crédito de diferentes lugares e não pode fazer isso, precisa de uma organização. E então as companhias de cartão e a administração da universidade fazem dinheiro, o que vai tornando tudo mais caro. É outra desvantagem para a Psicologia Crítica que as conferências sejam realizadas, algumas vezes, em lugares dispendiosos. A próxima será em Coventry, Inglaterra, que é cara, excluindo países não-ocidentais⁶.

Entrevistadora: Muito obrigada, Thomas... Agora, se você quiser me fazer uma pergunta, para que a entrevista seja mais participativa...

Thomas: Sim, eu gostaria. Como sua própria perspectiva teórica mudou nesse ano no Canadá?

Entrevistadora: Eu sabia que você me faria essa pergunta [risos]. Foi muito útil e importante ter outra perspectiva sobre mim mesma e viver algo da experiência de exclusão devido à linguagem, ao sotaque. Diferente da posição privilegiada que tenho no Brasil. E também me serviu para reforçar a crítica do logocentrismo na psicologia. Outro aspecto importante foi estar entre pesquisadores – e especialmente perto de você – que, de fato, querem produzir ideias ao invés de reproduzi-las; a reprodução é muito forte na psicologia brasileira, e estar aqui ajudou no meu processo de emancipação. Também, para ir além da psicologia soviética. Agora consigo ver outras direções. Hoje, Martín-Baró e Paulo Freire me interessam muito para uma psicologia brasileira autóctone.

Notas

- ¹ A referência é a Grubitzsch, S. & Weber, K. (1998). *Psychologische Grundbegriffe: Ein Handbuch* [Psychological Categories: A handbook]. Reinbek, Germany: Rowohlt.
- ² Traduzimos livremente o conceito de *indigenous psychology* como “psicologia autóctone” e o processo de *indigenization* como territorialização. Com eles, o autor refere-se ao produto e processo de mudanças da psicologia em um certo território – em geral, a partir de teorias ocidentais que podem sofrer desde mudanças superficiais de ênfase com relação às originais até um processo profundo de crítica e retomada de tradições psicológicas pré-psicologia ocidental, tal como hoje se realiza na Índia. Ver Danziger (2006).
- ³ Em inglês, *stem science*. STEM é sigla para *Science, Technology, Engineering and Mathematics*. O termo refere-se a um núcleo de ciências considerado crucial para o aumento da competitividade nacional, pautando as políticas educacionais e de imigração. Diversas áreas da psicologia (clínica, aconselhamento, escolar, organizacional) aí se incluem.
- ⁴ Holzkamp, K. (1973). *Sinnliche Erkenntnis: Historischer Ursprung und gesellschaftliche Funktion der Wahrnehmung* [Sensory knowledge: Historical origin and societal function of perception]. Frankfurt am Main, Germany: Athenaum.
- ⁵ Embora a tradução mais popular ao português seja “A Balsa da Medusa”, o objeto retratado pode ser descrito como uma jangada.
- ⁶ Thomas refere-se apenas à Europa e América do Norte, utilizando expressão corrente em ambos os continentes.

Referências

- Danziger, K. (2006). Universalism and indigenization in the history of modern psychology. In A. Brock (Ed.), *Internationalizing the history of psychology* (pp. 208-225). New York: University Press.
- Teo, T. (Ed.). (2014). *Encyclopedia of critical psychology: SpringerReference*. Berlin: Springer-Verlag; New York: Springer.
- Walsh, R., Teo, T., & Baydala, A. (2014). *A critical history and philosophy of psychology: Diversity of context, thought, and practice*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Agência de fomento

CAPES - Processo 3182/13-04 (Estágio Pós-Doutoral no Exterior).

Submissão em: 09/11/2014

Revisão em: 30/11/2014

Aceite em: 07/12/2014

Gisele Toassa é psicóloga pela Universidade Estadual Paulista, com Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2009). É Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás, onde atua no Programa de Mestrado em Psicologia. Realizou estágio pós-doutoral no *History and Theory of Psychology Program*, York University, com o auxílio de Thomas Teo. Endereço para correspondência: Faculdade de Educação, R. 235, s/nº, Setor Leste Universitário, Goiânia/GO, Brasil. CEP 74605-050.

E-mail: gtoassa@yahoo.com.br

Thomas Teo é nascido em Londres, 1963, e criado em Schwarzach, Áustria. Thomas Teo é Professor do *History and Theory of Psychology Program* na York University, em Toronto (Canadá), na qual trabalha desde 1996. Edita o *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, publicado pela *American Psychological Association* (APA). Presidente da *International Society for Theoretical Psychology* (ISTP) desde 2011. Teo editou a *Encyclopedia of Critical Psychology* (ECP, lançada em 2014), cuja proposta é sistematizar contribuições de psicólogos críticos de todo o mundo, sendo oferecida às bibliotecas acadêmicas e públicas como livro, bem como produto digital disponível através de livrarias e serviços eletrônicos. Endereço para correspondência: York University, Department of Psychology, 4700 Keele Street, Toronto, Ontario. M3J 1P3, Canada.

E-mail: tteo@yorku.ca